

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 989

Quarta-feira, 8 de Fevereiro de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa e Telefone 5339-0

Officina de Impressão — Rua da Atalaya, 114 e 115

A grandiosíssima manifestação do proletariado do Porto, constituindo um solene aviso às forças do "olho vivo" e ao governo, é também um incentivo e uma indicação à restante classe operária do país. Não pode haver tergiversação nem pusilanimidade! A pé, trabalhadores portugueses!

Contra a vida cara

O operariado do Porto manifesta-se retumbantemente em público. Todas as fábricas paralisaram ontem a sua laboração. Os comboios, próximo do Porto, suspenderam a marcha durante cinco minutos, e os eléctricos dez minutos, em sinal de solidariedade com o operariado que abandonou as fábricas e oficinas.

Mais de 40.000 pessoas se reúnem em comício público, reclamando medidas tendentes ao barateamento da vida e avisando que se farão greves pró-aumento de salário se tal não se conseguir.

E' um aviso solene!

Compreendê-lo há o governo?...

Tê-lo hão em consideração as forças do "olho vivo?..."

NO PORTO

Uma manifestação monstro

No nosso número de domingo, noticiamos que o operariado do Porto se reuniria ontem em comício público para definir a sua atitude em face da carestia da vida.

Assim foi. Os organismos sindicais e operários da cidade, vinham há tempos agitando a questão. E ontem, numa grandiosíssima e significativa manifestação, o operariado do Porto, como há três anos, como noutras manifestações precedentes, mais uma vez quis demonstrar a sua repulsa e o seu protesto contra os financeiros, contra os assambradores e contra os governos — os primeiros como causadores directos da fome popular e os segundos como embaixadores e protectores da ladroagem encoberta, visto que esconham o povo a coberto da lei e protegiam pelo Estado.

O operariado do Porto — o mais importante centro fabril do país — é do que mais sofre. Os seus salários são dos mais baixos, como de resto, e são em todo o norte de Portugal. Esse facto não obsta a que o comércio, o pequeno como o grande, eleve os preços das coisas a uma altura muito superior a sua produção.

E assim a vida do proletariado portuense é das mais penosas e cruéis. Composto, em grande parte, de gente das províncias do norte, impregnada de preconceitos religiosos herdados da educação fradesca, o proletariado do Porto é dócil, resignado e confiante.

Deste estado de espírito abusam os industrialistas e o comércio, pois mantêm a escravidão pela miséria, não dando ao que os operários adquiram hábitos superiores de vida, antes fazendo o possível para que a fome reinante continuamente nos lares proletários porisso que ainda é uma forma de manter a escravidão, por uma subversão forçada dos escravos famintos.

A organização sindical, que reconhecia que os aumentos de salário não contribuíam senão para que o comércio abusasse, pôs de parte movimentos daquela natureza, confiando em que este estado de coisas melhorasse. Não aconteceu, antes pelo contrário. Tudo subiu de preço por uma forma assombrosa, tudo se agravou, e o operariado do Porto, como o terá que fazer o operariado de Lisboa, como o operariado de toda a parte, num gesto nobre de indignação, a um dia de semana e apesar de meio dia de trabalho perdido agravar mais a sua angustiosa situação, vem dizer em plena praça pública que não está disposto a sofrer tal situação por mais tempo.

Reclama hoje em altos brados. Amaldiçoar a situação por outras vias. A vida não embaratece, e os movimentos pró-aumento de salário são inevitáveis. Quem tem responsabilidade nesta tremenda situação meca bem o bismo que cavou e que não se queixe o operariado amanhã se manifestar mais contundentemente.

E' esta, evidentemente, a significação do imponentíssimo comício do operariado do Porto.

O comício-parada de forças

Conforme os convites da União dos Sindicatos Operários, dos organismos sindicais, Juventudes Sindicais e organismos socialistas, o proletariado do Porto, na sua máxima força, abandonou o trabalho ao meio dia de ontem.

As 15 horas o amplo largo de S. Crispim estava coberto de proletários, que ali foram dar força às reclamações dos seus organismos de classe.

A força de cavalaria da G. N. R. que a um lado do amplo largo se encontrava não intimidou a inensa legião de proletários que o comum sofrimento uniu.

Mais de 40.000 pessoas aplaudiram com delirante entusiasmo os oradores, as camaradas Inácio Viseu, pela comissão promotora do comício, Antonio Liborio, pela U. S. O., Anastacio Ramos, pela Juventude Sindicalista; Joaquim Silva, pela Federação Socialista; Luis Candido Pereira, pela Fraternal dos Inquilinos; Serafim Cardoso Lucena e outros.

Vejamos o que, em telegrama, nos

CRONICAS DE HAMON

O movimento operário na Gran-Bretanha

O «Labour Party» e o capitalismo britânico

Nas ante-vésperas da dissolução do parlamento britânico, cujas consequências imediatas serão novas eleições que darão ao «Labour Party» uma força parlamentar como ele ainda nunca teve, dando-lhe ao mesmo tempo a possibilidade de se apoderar na totalidade ou em parte do poder político é interessante expor não só o movimento operário na Gran-Bretanha durante estes últimos meses como a sua actual situação. O que será um complemento ao meu pequeno volume editado com o título deste artigo em 1919, quando em Lisboa e Valência em 1920, e aos vários artigos que neste mesmo jornal publiqui sobre a política da Europa Britânica.

As deduções que no meu opúsculo de 1919, tirei dos factos verificaram-se quanto às tendências e direcções e foram erróneas quanto aos momentos. Os efeitos levam mais tempo a produzir-se do que eu julgava.

Por isso a dissolução do Parlamento ainda não teve lugar mas está sempre prestes a dar-se. Lloyd George tem-se esforçado incessantemente por adiar-lhe, com receio de perder o lugar de Primeiro Ministro.

Há três anos que a coligação híbrida que apoia o Primeiro Ministro a pouco e pouco se vem dissociando: os autonomistas e os conservadores inclinam-se para a direita, os liberais para a esquerda.

Entretanto a dissociação ainda não terminou pela rotura. O que é simplesmente uma questão de tempo, porque este resultado é fatal, e neste interregno Lloyd George tem governado o Imperio Britânico, como o primeiro caixeiro dos seus verdadeiros patrões: os capitalistas britânicos, e tem o governo, do que o Parlamento seja o representante real e verdadeiro da opinião pública britânica.

As eleições parciais superabundantemente o tem provado. O governo não era nem democrático senão nas aparências.

Apesar disto, sob a pressão das circunstâncias e da opinião pública o governo de Lloyd George viu-se forçado durante o ano de 1921 a mudar a sua política tanto interna como externa, orientando-a para a esquerda, fazendo em parte seu o programa político do Labour Party, mas opondo-se energicamente ao seu programa económico.

Em 1920, de acordo com todos os capitalistas, iniciou uma luta intensa, violenta e cheia de austeridade contra o Labour Party.

Uma onda de homens e mulheres tinham ingressado nas uniões profissionais. Assim, em 1920, as Trades Unions contavam 5 milhões e 400 mil membros enquanto que em 1913 só tinham 4 milhões e 373 mil.

A guerra iminente no Oriente da Europa entre a Polónia e a Rússia, com o auxílio da França que apoiava Wrangel e os seus emigrados contra-revolucionários, ergueu em peso o trade-unionismo britânico.

Modernos, reformistas, revolucionários, todos se sentiam impelidos pelo mesmo impulso anti-guerrista. Sob a influência das multidões, nasceu a nova tática da acção directa para fins políticos.

Formou-se um «Conselho de acção». E um pouco por toda a parte, conselhos de acção locais e regionais que se iam filiando no Conselho nacional, sendo em suma uma forma sovietica nascente espontaneamente e também sob a direcção oculta dos comunistas britânicos.

Como o afirma J. H. Thomas, o deputado trabalhista, isto constituía um desafio a toda a constituição da Gran-Bretanha.

Mis o capitalismo via o perigo. Lloyd George constata-o (1920) nestes termos:

«O perigo, consiste no progresso constante para o poder dum novo partido animado de intenções de carácter o mais subversivo. Chama-se hoje trabalhista, mas no fundo é socialista. O socialismo combate actualmente para destruir tudo que os «leaders» dos partidos (conservador e liberal) tem feito durante gerações para construir o edificio social. As nossas instituições, de que se pretendem servir como duma ponte para atingirem os seus fins, estão ameaçadas».

«As nossas instituições parlamentares correm tantos riscos como as nossas liberdades económicas. E' inútil pretender negar que este partido tem-se tornado formidável... Se o Socialismo consegue convencer a maioria dos electores de que se deve mudar o sistema actual, conseguirá colocar-se num posto onde lhe será possível manejar as alavancas do Estado, do comércio, do crédito, da indústria».

Este pósto, é o governo. Não se pode confessar nem mais clinicamente nem mais ingenuamente esta verdade: O poder do Estado exerce-se sempre a favor do capitalismo contra o trabalho. E' e será sempre assim enquanto este não estiver exclusivamente nas mãos dos trabalhadores.

Para fugir ao perigo da posse do poder actual pelos trabalhadores, Lloyd George pôs em jogo todos os recursos que a sua habilidade e astúcia lhe sugerem.

Em 1921, Lloyd George viu-se obrigado a abandonar a sua política de «lock-out» — visto ter sido uma paralisação de trabalho provocada pelo patronato — o Trabalhismo limitou-se a aceitar-lhe.

E quando alguns meses mais tarde, em Março de 1921, rebentou uma nova greve de mineiros, que com mais propriedade se pode dizer não ter sido uma greve mas sim um simples «lock-out» — visto ter sido uma paralisação de trabalho provocada pelo patronato — o Trabalhismo limitou-se a aceitar-lhe.

A luta durou três meses, terminando pela derrota operária. Difícilmente a união dos mineiros se livrou duma deslocação completa. Os mineiros não puderam fugir a um empobrecimento geral e a miséria para o maior número.

A Tríplice Aliança não se moveu. Os «leaders» e entre eles sobretudo J. H. Thomas mostravam-se literalmente apavorados pela grande possibilidade e provável da Tríplice Aliança, espalhou-se a confusão e a hesitação. Já então se divisava no horizonte uma crise económica. Os produtos existiam já. Lançaram-se numa greve geral, era a miséria certa e talvez a ruína da indústria, do comércio britânico e o caos político. Permanecendo nas fábricas e oficinas, tudo isto se evitava.

Alguns diziam: «Sim, mas em seguida o patronato diminuirá os salários. E' necessário ir para a batalha em massa e não em ordem dispersa».

Não foram escutados. Mas também a opinião pública, que ao principio se mostrava favorável aos mineiros, voltou-se em seguida contra eles em virtude dum erro de tática dos extremistas: o abandono do trabalho pelos operários encarregados da segurança das minas.

1921 foi pois um ano muito crítico para o trabalhismo britânico. Após a derrota dos mineiros, não se tornou a falar de acção directa. Os «Conselhos de acção» extinguiram-se. O Labour Party retomou a sua política parlamentarista no ponto de vista da acção política geral e a da greve com um fim puramente corporativo.

Posto que o Trade Unionismo visse o seu efectivo diminuído em cinco por cento, o exército trabalhista é ainda de primeira ordem.

Tendo regressado, sob a direcção dos seus «leaders», à sua política tradicional, prepara-se presentemente em dar ao capitalismo uma grande batalha eleitoral. E se não conta triunfar por completo, conta pelo menos adquirir uma situação tal que em menos de uma década lhe permita pelo simples jogo eleitoral apressar-se do poder político.

E' noutro aspecto, o Trabalhismo continua empregando o seu processo de federalização das Uniões de maneira a formar grandes e poderosas Uniões.

O Transport & General Workers Union que é a amalgama de 14 uniões (Trabalhadores das docas, etc.) modificou a sua organização de modo a evitar uma centralização autoritária, que os seus associados se recusam a aceitar.

Seis grupos existem nesta União amalgamada, segundo as suas profissões. Cada grupo elege os seus comités técnicos os quais aconselham o Executivo no ponto de vista técnico.

Mis o poder financeiro e político permanece nas mãos do Executivo. Esta grande união amalgamada dos operários dos transportes e de manobras está em negociação com a National Union of Railwaymen com o fim de formar uma mais forte união.

O congresso geral das T. U. transformou a sua constituição em setembro de 1921. Em vez dum «Parliamentary Council» será um «General Council» quem dirigirá o Labour Party. Neste comitê, os socialistas parecem ter uma importância relativamente maior que no antigo órgão director.

O Daily Herald dirigido por Landsbury é actualmente o órgão oficial do Labour Party, com um comité de direcção designado pelo «General Council». Parece ter mesmo uma tendência socialista pronunciada, mas sempre na tendência reformista e parlamentarista.

A caracteristica do ano de 1921 foi o acréscimo contínuo do sem-trabalho. O seu número nos fins de dezembro atingiu a cifra de 2 milhões. A questão do desemprego foi e é ainda duma extrema gravidade, pesando a fundo na política geral do governo e na do Labour Party. E' e pode-se, dizer a origem da modificação da política de Lloyd George que nós já assinalámos.

Pelo andar da carruagem...

No país da verborreia

Onde se analisam algumas frases proferidas durante o acto de posse do novo ministério

É hábito velho, quando um novo ministério sobe ao poder, dar-lhe largas à verborreia. Nessas ocasiões diz-se o que se quer e o que não se quer. E' sobretudo o que não se pretende dizer, o que mais pode interessar ao povo. Quando se discursa, as palavras tornam os oradores mais francos do que desejariam ser. Dizem-se muitas vezes pensamentos que se pretendem ocultar.

Anteontem, na posse dos novos ministros, quanto lugar comum se ouviu, quanta banalidade e quantas verdades involuntárias!

Quem sabe se a esta hora, ao ver as suas palavras em letra redonda, não estarão arrependidos muitos dos oradores?

Não percamos tempo, porém, não imitemos os ministros empregando palavras vãs para exprimir ideias que meia dúzia de vocábulos podem definir.

Começemos, pois, pelas palavras do sr. Cunha Leal, dirigidas ao sr. Antonio Maria da Silva, novo presidente do ministério:

— Toma v. ex.ª, felizmente, posse em condições diferentes daquelas em que eu assumi as funções de chefe do governo. Então reinava a agitação d'sordena na sociedade portuguesa. Sob as ameaças que me eram dirigidas, bem como ao mais alto magistrado da república, tive de acolher-me ao quartel do Carmo para melhor proceder à organização dos trabalhos para a formação do ministério a que presidi.

Procurei em suas casas os chefes dos partidos políticos e não os encontrei porque andavam a monte. Caminhava-se para a perda da república, e quem sabe se para a perda da própria nacionalidade.

Por aqui se vê a simpatia especial que o sr. Cunha Leal tem pelo sr. Antonio Maria da Silva. As palavras que transcrevemos são o epiteto do covarde lançado em rosto do novo presidente do ministério. E talvez o sr. Cunha Leal tenha razão.

Vejam-se agora mais este bocadinho do sr. Cunha Leal:

— Quis que ao parlamento fossem elementos das forças económicas e ainda outras individualidades republicanas, e confesso francamente que fracassou a minha tentativa. Disseram-me que não sei fazer eleições, e essa é a minha satisfação, porque não quis prender adversários nem comprar votos.

Isto que acabais de ler é a condenação do acto eleitoral feito por um politico, por um ex-presidente de ministério. Quando se quer comprar votos são as eleições bem feitas. As eleições são uma das mil formas de iludir o povo, convencendo-o de uma força que não tem, que está merecendo do qualquer governo que saiba comprar votos.

E ainda dizem que as eleições exprimem a vontade do povo...

São realmente proveitosos os discursos dos ministros para quem os sabe ouvir. Repare-se nesta frase do sr. Antonio Maria da Silva, que ele proferiu sem dar por isso, sem notar que diz uma verdade:

O país só entra em ordem desde que se resolva o problema económico e financeiro.

Conceito verdadeiro. Apenas a maneira como o sr. Antonio Maria da Silva pretende resolver o problema mais o complicará. Senão, tomamos mais uma vez a paciência de ver como o novo presidente do ministério deixará o problema quando se for brevemente embora...

De resto enquanto os governos, na mira de melhorar a nossa situação económica e financeira, recorrerem aos empréstimos no estrangeiro outra coisa não teremos — isto é intuitivo — senão o agravamento dessa situação. Não pensava assim o sr. Portugal Durão, o recente ministro das finanças, quando anteontem disse:

Para resolver o problema concorrerá um empréstimo externo.

Mais um empréstimo sobre os inúmeros empréstimos que já nos afligem. Depois, diz ainda o sr. Portugal Durão, «a colaboração da alta finança». Provavelmente para comprar o empréstimo... Enfim, não admira que diga tanta anseira um homem que se considera honrado por sentar-se na mesma cadeira do dr. Afonso Costa, o homem dos empréstimos de 50 milhões.

Afirmou o sr. Antonio Maria da Silva que o operariado é «a força mais viva da nação». Assim devia ser. Porém, as forças do olho vivo, os amigos assambradores, transformaram a força mais viva que é o operariado, numa força moribunda. A fome é tanta!...

O ministro do trabalho disse meia dúzia de lérias que nada significam, que atestam a sua mediocridade. Coitado, era preciso dizer alguma para se sór ministro. Se só dizem anseiras, tanto melhor.

Querem saber qual é a situação de algumas colónias? Prestem atenção ao que disse o ex-ministro das colónias, segundo o relato dum jornal da manhã:

Expôs depois a grave situação de algumas das nossas províncias ultramarinas, especialmente Timor e Cabo Verde; a da primeira é de tal modo gravíssima que o Estado não paga aos seus funcionários, estes não pagam ao comércio e este por sua vez não paga as contribuições ao Estado, pelo que era seu intento levar ao parlamento uma proposta pedindo um crédito de cento e oitenta mil

